

PA13

Os nós e o onze

JORNAL DO BRASIL

12 SET 2003

Quando as Torres Gêmeas de Nova York vieram abaixo e se soube a profundidade do terror que as derrubou, a expressão que mais correu jornais foi que “o mundo não será mais o mesmo”. Dois anos depois, se sabe que não é mesmo, e o tempo encurtou. Parece que um chip histórico comprimiu milhares de fatos que ocorreram depois. Os dois anos passaram como se não tivessem passado.

Tivemos duas guerras, a do Afeganistão e a do Iraque, a economia mundial parou, bolsas caíram, grandes companhias faliram, o setor de seguros despencou, esquadras e exércitos se movimentaram, a ONU fracassou, a Europa dividiu-se, os americanos mudaram leis, conceitos e modos de viver. O medo passou a ser uma moeda de troca do dia-a-dia e a guerra das civilizações, de teoria, passou a ser ameaça concreta.

A América do Sul mostrou ser a face oculta da lua. Todo o enfoque da política internacional voltou-se para o Hemisfério Norte. A



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

preocupação americana teve um só objetivo: preparar-se para a guerra. Primeiro, contra Bin Laden e os talibãs. Depois, contra Saddam. Permanente, contra o terrorismo.

O Brasil sofreu efeitos colaterais. Como exemplo temporão, vamos gastar milhões de dólares para que os americanos tenham certeza de que as mercadorias embarcadas por nós, para lá, não levem disfarçadas bombas biológicas ou químicas. Em Santos e no Rio máquinas de detecção de materiais perigosos terão de ser instaladas, com controladores especializados americanos, que residirão no Brasil. Motivo: as máquinas que sabem ler essas coisas são

americanas e só eles têm autorização para operá-las. E não adianta falar em soberania e ingerências. Se a mercadoria não for inspecionada assim, não desembarca nos Estados Unidos, e adeus exportação. Tudo rescaldo de Bin Laden e companhia.

Quanto às guerras, a do Afeganistão terminou e não acabou. A do Iraque acabou mas continua. Agora, em vez de Saddam, há o fanatismo religioso, e o povo, que era contra o ditador execrável, tem outro martírio, o de lutar contra a ocupação. Lembremos Vieira de Melo: “Eu não gostaria de ver tanques estrangeiros ocupando Copacabana”.

Os Estados Unidos, democratizando o prejuízo, pedem a outros países substituam soldados americanos e com eles dividam as despesas da guerra. Já vi essa conduta nas discussões na velha UDN, quando Juracy Magalhães acusava Carlos Lacerda: “Ataca só e se defende em conjunto”.

O mundo realmente mudou

depois do 11 de setembro. Não se descobriram as armas de extermínio em massa, motivação para a guerra, tão bem guardadas que Blair e Bush nelas acreditaram sem vê-las. Eram feitas de pó de mentira. Mas tudo isso é história. Ficaram a tragédia e suas consequências.

A última delas, a descoberta do Pentágono de que “a comunidade latina é a mais promissora em termos de alistamento militar”, leia-se, ir para o front. Tem os melhores candidatos a esse chamamento patriótico: são pobres, pretos e *chicanos*. Para atraí-los, oferece a quem estiver disposto a ir para o Iraque a imediata cidadania americana, com todos os direitos, dentre eles o de morrer em Bagdá e ser enterrado com honras nacionais.

Todas essas coisas aconteceram, como diria o nosso sempre citado Shakespeare, no Reino da Dinamarca, ou melhor, em Washington,

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras